

BIBLIOTHECA UTIL

FHR
F17

IV

SOLUÇÕES POSITIVAS

DA

POLITICA BRAZILEIRA

(1^a SÉRIE)

PELO

Dr. Luiz Pereira Barreto

Livraria Popular

De Abilio A. S. Marques—Editor

SÃO PAULO

1880

Ficam reservados os direitos de
propriedade

*E' co-proprietario desta obra em Portugal
o sr. Ernesto Chardron, livraria Inter-
nacional, Porto.*

PREFACIO

O titulo que tomamos para esta série de artigos, que escrevemos para a *Província de São Paulo*, e que hoje reunimos em folheto para a colleção da BIBLIOTURCA UTH., não é uma pretençosa imitação: é simplesmente uma homenagem. Quizémos pagar a Theophilo Braga o immenso tributo de gratidão que lhe deve a geração que hoje surge nas letras do nosso paiz.

E' minha convicção que as nossas condições políticas e sociais não melhorarão em quanto não tiverem por ponto de partida uma modificação correspondente na situação do Portugal. O laço da historiografia não se rompe. Somos filhos de Portugal; a elle estamos presos por todos os laços indissoluvels de uma lei natural. A fatalidade biologica e o determinismo sociologico dominam toda a nossa historiografia. E' em vão que procuraremos esquivar-nos à pressão do passado. Temos sido, somos e seremos portuguezes. E todas as vezes que a nossa literatura procurou infringir a lei da descendencia, os seus esforços, com raras exceções, só redundaram em uma deplorável aberração do gosto, em uma offensa a todas as dolicadas exigências do sentimento da arte moderna.

E' da renovação intelectual, moral e social de Portugal que depende o progresso no Brasil.

Politicamente estamos separados. Mas, em historin, o ponto de vista da politica é secundario. A separação não suspendeu a lei secreta das aliancadas; e a velha metropole, hoje como outr'ora, conserva a annexão suprema para todos os nossos passos.

Não há n'isto motivo para nos voxarmos. Os milagres historicos não se renovam mais. E' do reflectido e pleno reconhecimento da nossa intima dependencia para com Portugal que poderão emanar na profundas resúmas de que precisainos em todas as direcções.

O Portugal de hoje não é o Portugal de há cincuenta annos atraç.

E, assim como herdamos todos os vicios e preconceitos dos nossos imediatos predecessores, devemos hoje, com calma e sangue frio, imitar o exemplo dos nossos irmãos d'além-mar, seguindo firmemente a senda que nos traçam.

Durante muito tempo, Portugal atardou-se na trilha da evolução por não se preocupar com o movimento philosophico do norte e centro da Europa. Por nossa vez, temos cometido o mesmo erro, por não querermos ver o movimento que nos deixa a perder de vista na marcha geral das nações. Estamos vivendo na persuasão de que nada temos mais que aprender com Portugal. Nessa candida persuasão, os nossos velhos políticos se concentram, sonhando paraizos perdidos;

ual, moral e social progresso do Brasil.

parados. Mas, em
da politica é se-
o suspendeu a lei
velha metropole.
ta a sanccão au-
passos.

a nos rezarmos.
e rezoram mais.
onhecimento da
ara com Portu-
profundas rela-
todas as direc-

Portugal de ha

odos os ríos e
mediatos prede-
calma e sangue
nosso irmão
mente a senda

ugal atardou-se
se preocupar
ico do norte e
ez, temos com-
não queremos
ixa a perder de
ções. Estamos
e nada temos
tugal. Nessas
elhos políticos
izos perdidos;

io passo que a nossa mocidade se desfaz em um lyricmo vago e sentimental que a entrega desarmada às ciladas de uma esphinge, cujo sopro paralysa espírito e coração.

Entretanto, é nosso dever de patriotas confessar francamente quo lá, do outro lado do Atlântico, nessa mesma terra que nos serviu de embryogenico berço, existe hoje uma pleia de homens cuja estatura não encontra entre nós paralelo. Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Felippe Simões, Guerra Junqueiro, G. de Vasconcellos, Eça de Queiroz, Anthero do Quental, Gomes Leal, Consigliari Pedroso, Oliveira Martins, Luciano Cordeiro, Julio de Mattos, Adolpho Coelho, Horacio Ferrari, Alexandre da Conceição, Teixeira Bastos, Cândido de Pinho, Ernesto Cabrita, Augusto Rocha, Bittencourt Raposo, Amaral Cirne, Guilherme de Azevedo e tantos outros, são todos nomes que afirmam a autonomia de uma nacionalidade em via de progresso.

E' de urgencia, em nosso proprio interesse, que entremos em plena comunhão com esses espíritos elevados.

Ao tomar a Theophilo Braga um título característico, não tenho outro isto senão abrir o exemplo para a unidade de pensamento.

Unidos no passado, nos uniremos cada vez mais no futuro pelos laços de uma philosophia commun.

Resta-me ainda um tributo a pagar, aprofundando á imprensa do Rio Grande do Sul em geral e a imprensa teuto-brazileira em particular, o honroso reconhecimento quo deu a meus artigos. E' com vivo estremecimento que aqui assignalo o nome de Carlos von Koseritz, o batallador insatigavel quo tem posto ao serviço da patria adoptiva trinta annos de sua vida, consagrando todos os foros do seu talento á defesa dos nossos maiores interesses intellectuaes, moraes e sociaes, serviços esses que a nova patria tem pago com uma iniquidade legislativa.

Do mesmo modo levanto aqui o nome do illustrado sr. J. Fronkemberg, o eruditissimo redactor do *NUER ZEIT*, de S. Leopoldo, a quem os meus artigos devem a honra de uma versão para a lingua allema.

Jacarchy, 2 de Março de 1880.

Dr. LUIZ PEREIRA BARRETTO.

ibuto a pagar, am
io Grande do Sul e
-brazileira em pa
mento que deu a
ivo estremecimen
tome de Carlos v
infatigavel que te
tria adoptiva tra
grando todas as fa
za dos nossos mu
niques, moraes e
e a nova patria te
legislativa.
nto aqui o nome
nberg, o erudito
S. Leopoldo, a qua
honra de uma v

e 1880.

EREIRA BARRETO.

A Elegibilidade dos Acatholicos



A ELEGIBILIDADE DOS ACATHOLICOS E O PARECER DO CONSELHO DE ES- TADO

Ha apenas duas semanas, um distinto paulista (*) agitou, pelas columnas da «Provincia de São Paulo», a questão de saber-se porque razão os estrangeiros não se naturalizam em maior escala e não se interessam mais activamente pelo andamento das nossas cousas, dos nossos idéias e opiniões.

A questão era por demais palpítante de interesse para ficar sem uma cabal resposta por parte da população estrangeira aqui residente. Foi o que efectivamente teve logar.

O ilustrado sr. Kuhlmann, representando e condensando os sentimentos e opiniões dos seus compatriotas consanguíneos (o sr. Kuhlmann é hoje cidadão brasileiro), correu pressuroso a responder ao repto, e, nas columnas da *Germania*, brilhantemente discutiu a magna questão, pondo em todo o seu din as raizes do mysterio.

(*) O dr. J. C. Alves da Lima.

Dos seus magníficos artigos sobressai esta fundamental verdade: que a pequena naturalização não pode satisfazer as aspirações de um espírito nobre e bem formado, porque ela só concede nos estrangeiros o favor «de apanharem do clão as migalhas que caem da mesa da constituição brasileira».

E, com o mais louvável empenho, em benefício deste pobre paiz, reclama elle com o maximo vigor a grande naturalização, a abolição da religião do Estado, o casamento civil e a eleição por círculos.

Esta opinião, note-se bem, não é individual, é a de toda a imprensa alema, do norte ao sul do imperio.

Neste momento assistimos no Rio Grande no mais commovente espetáculo que jamais teve logar em todo o decurso da histori da nosso pensamento. E' uma população inteira que ahi se levanta como um só homem para ondeusar o grande patriota, que, no cahir do poder, soube elevar-se á altura do seculo, envolvendo-se na bandeira da liberdade de consciencia. E' indescriptivel o phrenetico entusiasmo dessa população pelo homem que priuiceiro nas regiões oficinas do imperio

POSITIVAS

artigos sobresejam que a pequena
infazer as aspirações formado, por
rangingos o fizer migalhas que
ao brasileira. vel empenho, e reclama elle a naturalisacão.
do, o
liso, não é imprensa aliend.
estimosa no Rio spectaculo que decurso da histona
uma populaçao
ao u...
riota, que, à altura do
deira da liberdade
criptivel o povo
populaçao pelo
es officiares da in-

affirmou os direitos do homem e a egualdade de direitos entre todos os cidadãos. E' bello, é grande, é magestoso esse movimento de entusiasmo, e de cá, da província de S. Paulo, não podemos deixar de enviar os nossos mais cordíssimos protestos de adhesão nos rio-grandenses por esse nobre exemplo, que nos forneceem, de uma população inteira possuída de delírio e fascinada por uma ideia generosa.

E' precisamente neste mesmo momento que o conselho de Estado, surdo aos brados da opinião philosophica, indiferente no movimento das idéas nas camadas mais cultas da sociedade, e emperrado como o imperador Theodosio na manutenção de futilidades theologicas, vem gravemente declarar ao paiz que não ha fundamento para a alteração dos artigos da constituição relativos à incorporação dos estrangeiros e elegibilidade dos acatholicos!...

E' digno de nota que quatro viscondes e o Dr. conselheiro Paulino, que brevemente também será visconde, tomaram parte na conjuração contra a tendência da razão moderna e

contra as necessidades mais imperiosas do paiz.

Todos estes senhores entendem que o catholicismo é a primeira garantia do bem estar do paiz, e, nesta convicção serena, não sentem o mais leve lampejo de rubor quando offendem os mais delicados sentimentos da nossa época e assoveram que o estrangeiro que vem ao Brazil só vem com o fim de ganhar dinheiro... e mais nada!!!

Segundo esses senhores, o «ganhar a vida» é um alvo mais que suficiente para satisfazer as mais altas aspirações do estrangeiro, e pouco importa no paiz o concurso que esse mesmo estrangeiro nos possa prestar com suas luces, suas idéas, sua moralidade, sua actividade e sua industria.

Evidentemente os srs. conselheiros de Estado são mais theologos do que patriotas; e, sob a ameaça das penas idênticas do inferno, sacrificiam sem hesitar os interesses mais vitais do paiz. Para elles a questão capital é a vida futura, e tal qual a entende a egreja romana. Preoccupados com a idéia da salvagão da vida de além-tumulo, parece-lhes inteiramente secundario o papel da vida terrestre.

mais imperiosas. entendem que o garantia do bem em certeza serena, e o dejo da rabor quando os sentimentos é que o estrangeiro com o fim de p nadas!!! es, a ganhar a vidente para satisfacções do estrangeiro, o concurso que possa prestar sua moralidade, . conselheiros de do que patrões suas ideias do interesse mais a questão capital entende a igreja, om a idéa da salvação, parece-lhes intere

Deixariam os livre curso a estas idéas, se nos viesssem elas de bispos ou de quaisquer membros de uma ordem snerna. Não podemos, porém, deixá-las passar sem um energico protesto, partindo elas de altos funcionários publicos, que confundem a cadeira do estadistas com o pulpito dos conventos, sem que um prurido de consciencia lhes lembre a procedencia dos pingues ordenados que percebem e para os quales contribuem as bolsas de todas as cōres, os portadores de todas as opiniões.

Este protesto é tanto mais indispensoavel, quanto, a nosso ver, a opiniao publica se acha illudida profundamente sobre o alcance da reforma eleitoral, que ora se nos propõe como uma panacea para todos os males sociaes.

Não podemos por demais insistir sobre a radical inauspiciencia dessa reforma, que não passa de mais uma grossa mystificacao, como tantas outras que a precederam.

Quer se adopte o censo alto, quer o baixo, o resultado continuará a ser tão nullo como d'antes. A questão não é de censo, mas, sim, de senso. E' o senso, o simples bom senso que nos tem faltado até aqui em todas as cousas :

e é por falta delle que vamos perder ainda talvez 50 annos de experientia com uma reforma tão inutilada quanto improposita. A actual reforma eleitoral é uma miragem tanto mais perigosa quanto é respeitável a massa dos espiritos nella empenhados; porque, depois da experientia feita, esses espiritos, hoje validos, serão inevitavelmente a preza das desillusões inertes e do mais prejudicial scepticismo politico.

A robusta fé com que hoje todos os partidos recommendam a eleição directa é altamente lamentavel, porque, enquanto perdurar essa fé, as intelligencias mais activas do paiz estarão desviadas do verdadeiro ponto de vista social, que é: a educação nacional ao nível do seculo e a completa incorporação dos estrangeiros no nosso organismo politico.

A grande falha psychologica dos nossos guias da opinião, nesta matéria, consiste em um vicio de logica, em um estropeamento de methodo: o mal é de natureza radicalmente social, e o remedio que se lhe quer applicar é puro e exclusivamente politico.

Sem duvida são naturaes e reciprocas as

de temos perder a
experiencia com omis-
so improductiva. A res-
posta miragem tanto na
apiteavel a missões
dos: porque, de-
ses espíritos, hoje n-
ente a preza das da-
is prejudicial se op-

hoje todos os pa-
leicio directa é si-
ue, enquanto pa-
cias mais acirru-
do verdadeiro pa-
educação nascida
completa incorpora-
osso organismo E

rhologica dos nos-
materia, consiste
um estropamento
tureza radicaliz-
e lhe quer ap-
politico.
raea e recipro-

rencias entre o elemento social e o elemento politico; sem duvida, a fronteira divisoria que separa as questões sociais das questões meramente politicas, não é precisamente um transfrado infranqueavel; mas, nem por isso é menos certo que essa separação não é arbitrária e está de acordo com as necessidades logicas e cada vez mais crescentes do espirito scientifico.

Até os fins do seculo passado e os principios deste, era permitido acreditar que todos os males sociais, que affligem um paiz, podiam ser sanados por medidas puramente politicas.

O sistema representativo, o suffragio universal, a fascinante flegão da soberania popular, ainda não tinham passado pelo cadrinho da experienca; o entusiasmo das generosas utopias, a illimitada fé nos entes de razão, a idolatria pelas abstracções personificadas, a profunda emoção pela causa publica, faziam vibrar todos os corações e contrabalançavam satisfactoriamente as desficiencias da razão de Estado.

De então para cá, porém, o scenario politico modifcou-se completamente. A rude

experiencia dissolveu todas as construções de phantasia e nos collocou face a face com a realidade da vida social, ante dificuldades de ordem estatica e dynamica, que só podermos vencer pelo paciente estudo dos factos e na mais inteira emancipação dos dogmas recebidos.

A experiencia que temos hoje do regimen parlamentar é amplamente suficiente para nos convencer de que esse systema é incapaz de cumprir as suas promessas, e que devemos encara-lo como um palliativo apenas, como uma fonte de transição entre o passado e o futuro, um simples elo na cadeia das mutações sociaes em caminho para uma organização superior. O verdadeiro, o definitivo remedio é o crescimento da população, a instrução desta pelas sciencias positivas, e a sua crescente prosperidade material, preambulo normal de seu desenvolvimento moral, e em uma palavra o movimento ascendente da civilisação em todos os seus elementos.

Se o problema é difícil e espera ainda por uma solução satisfactoria nos paizes mais adeantados, muito mais grave se torna elle entre nós pelas complicações que lhe trazem

reu todas as construções
collocadas face à sua
sociedade, ante difficultades
insormáticas, que o
ciente estado da
anicipação dos dogmas.

temos hoje do repres-
samente suficiente;
e esse sistema é ins-
romerável, e que deve
palliativo apenas.
do entre o passado
lo na cadeia das nu-
nho para uma opinião
ideiro, o definitivo
to da população.
ciencias positivas,
idade material, p-
envolvimento em
imento ascendente
seus elementos.
ril e espera ainda
oria nos países
us grave se torna
lincionem que lhe tem

os nossos diversos elementos ethnologicos, a
nossa demographia, a nossa climatologia, a
nossa posição geographicá, a nossa hygiene,
o nosso gráu de cultura mental, etc., etc. Per-
ante factores destas ordens o ponto de vista
da politica é verdadeiramente minuscúlo, e o
em vão que se tentará lidar as difficultades,
supprimindo-se a face social e moral do pro-
blema, para só encarar-se o seu lado político,
que é inteiramente secundário.

Qual poderá ser a acção imediata da re-
forma eleitoral?

A eleição directa, dizem os seus melhores
apologistas, tem a vantagem de pôr à mar-
gem o grande numero dos analphabetos, dos
dependentes, dos caipiras e dos imbecis. Por
certo, vai nisso alguma vantagem. Os que
assim pensam, dão prova de que já se acham
bastante emancipados da idolatria das eleções
e das ingenuidades do regimen parlamen-
tar; já duvidam da authenticidade dos dog-
mas metaphysicos, e pouco falta para que se
convençam de que um dos principaes vicios
do systema representativo é a escolha dos
superiores pelos inferiores. Este primeiro vis-

lumbo de scepticismo já é um grande passo para a plena aceitação da sciencia social como base de uma politica secundo, tão honesta e franca como a sciencia d'onde deriva. Esse scepticismo já é um symptom de cansaço e repugnancia pelo espectaculo das habituas misérias eleitoraes. Nada se pode, de facto, conceber de mais absurdo, de mais immoral, de mais revoltante que o espectaculo de uma eleição, tal qual é feita por um povo ignorante, pusillanime e corrompido como o nosso. Uma eleição em tais condições é a mais estranha violação de todas as leis do entendimento, é o mais atroz attentado no senso commun; e é evidentemente da necessidade que envolvemos o quanto antes estas fealdades mornas na mais profunda espressura das sombras da historin.

Mas, lucraremos realmente muita cousa ao arredarmos do processo eleitoral o grosso rebanho dos illetrados, dos analphabetos, dos dependentes de toda a sorte? Serão os nossos enípias os unicos causadores da nossa ruina moral, dos nossos descalabros finaneiros e administrativos?

Já é um grande
scienzia
politica fecunda, tão
scienzia d'onde
um symptoma de
lo espetaculo das
raes. Nada
mais absurdo, de
tanto que o espe-
cial qual é feita
millanime e corrup-
eleição em tais co-
violação de todas
mais atroc atesta-
evidentemente
nos o quanto ante-
mais profunda
latoria.

ate muita causa
itoral o grosso
analphabetos, da-
e? Serão os
adores da nos-
lascalabros fina-

Francamente, pela minha parte, não o
creio.

O povo miudo é simplesmente o cégo cum-
plice dos potentados letrados e illetrados,
que pullulam por toda a parte, e que execu-
tam á risca por todo o imperio as ordens do
governo. Muito maior cumplice é a nossa fi-
dalguia de diplomados e condecorados, de
doutores, commendadores, barões e viscon-
des, com ou sem grandeza, de que hoje re-
gorgitam todas as províncias.

E' aqui que está uma das paginas mais
escusas do segundo reinado.

Para cercar o throno do necessario presti-
gio, para realçar o brilho da monarchia, para
garantir sobretudo a perpetuidade da dynas-
tia, era evidentemente de boa politica a crea-
ção de uma dedicada aristocracia. Foi o que
se fez. E, neste trabalho de consolidação mo-
narchica, foi o imperante tão auxiliado pelos
conservadores como pelos liberaes. Ambos
os partidos trabalharam e trabalham ainda á
porfia para dar cada qual maiores e mais
vistosas fornadas de agraciados e titulares.
Dahi a derrama desses recem-possuidores de
brazões, que, anno por anno, a cada festa na-

cional, a cada anniversario natalicio de um membro da familia reinante, vêm invariavelmente nos encher de estupefaccion e tomar assento á mesa do banquete imperial. Já não se conta o numero dos contentados, e muito maior é ainda o numero daquelles que restam por contentar. Apenas uma barenda atravesa a bahia dos empenhos e aporta á praia das graças, já da margem opposta está mais compacta turma reclamando egual passagem e mesmo porto. Por toda a parte surgem nichadas de aspirantes ás fitas e aos pendurucalhos; nas ruas, nas egrejas, nos bailes, nos saraus, dominam a vista as deslumbrantes fardas bordadas, os imponentes chapéus armados, os agaloados calçors e os aureos fivelões. Estão realisados e excedidos todos os desejos de um certo segundo o estylo tradicional. A mais scintillante legião de honra circunda os degraus dourados do throno.

Mas, o que convém notar mais particularmente, é que não é só do seio do commerce e da laboura que se levantam dinriamente os novos astros. A propria republica das letras não escapou ao contagio, e é arrastada pelo mesmo turbilhão, atacada da mesma

sario natalicio de mante, têm invadido a estupefação e temeute imperial. Já se contentados, e não daquelles que ressuscitam a barcaada atroz e exporta à prisa opposta está ando igual passado a parte surgeantistas e aos pendentes egrejas, nos bairristas deslumbra componentes chapéus e os calcões e os excedidos todosundo o estilo triste legião de heróis do trono. Notar mais particularmente do comércio e os wantos dianamente republica das vantagens, e é arrancada da

vertigem e enriquecendo cada dia a orbita imperial com mais uma estrela, com mais um luzeiro.

Jurisconsultos, medicos, engenheiros, representantes do pensamento culto, não nutrem senão uma ambição: a de fazer parte do firmamento de S. Christovam e eclipsar pelo brilho dos bordados o resto dos seus concidadãos.

Eclipsar a todos, ser alguma cousa mais, em apparencia, do que os outros, eis a incessante preocupação da geração que passou e da geração que surge! A sciencia já não é mais um nobro e austero escopo a attingir; a ilustração do espirito, a intelligencia no serviço da pátria e da humanidade, a prática das virtudes civicas, já não constituem um digno alvo da actividade humana, já não satisfazem as aspirações da mente e do coração: é preciso que em torno do crâneo e por fóra do thorax fulgurem os symbolos da vaidade cortezã.

E' neste abysmo de ruina moral que se tem afundado a mais bella nata da nossa sociedade; e é nesta vertiginosa subversão de todas as leis da estabilidade de carácter e do

senso moral que somos educados. Não temos os sãos e firmes princípios de uma activa tradição social; não temos a robusta tempera dos fundadores do regimen representativo; não temos a mascula energia das patrióticas convicções, não temos opiniões fixas, nem dogmas definidos, nem bandeira, nem programma social.

Arredados, portanto, da urna os analphabetos, os pobres ill-ttrados, o que nos resta? fardões, chapéus armados, e a fumaça do incenso subindo como d'antes ás regiões do firmamento...

Admittamos pelo contrario, a grande massa dos estrangeiros a se incorporar na trama intima do nosso organismo politico; concedamos-lhes plena igualdade de direitos, plena liberdade de consciencia, e podemos garantir que dentro de dez annos já a face do paiz será inteiramente outra.

Não podemos dispensar o concurso dos estrangeiros. Nenhum grande progresso material é possivel sem que um grande movimento intellectual o tenha precedido e preparado; e entre nós não terá logar esse prévio

educados. Não temos os de uma altitude a robusta tempestade representativa de energia das pátrias opiniões fixas, nem bandeiras, nem

da urna os analisamos, o que nos ressalta a summa das ás regiões do

único, a grande é incorporar na trama política: cedo de direitos, cia, e podemos, annos já a faceira.

o concurso dos e progresso grande movimento cedido e preparar esse prínci-

movimento intelectual sem a intervenção do elemento estrangeiro.

Todos, até mesmo o hypercatholic sr. visconde do Bom Retiro, contemplam com admiração o extraordinário progresso material que tem levado no decurso de um seculo a grande Republica norte-americana no mais espantoso grau de prosperidade. Entretanto, poucos são os que se dão no trabalho de analisar as causas eficientes desse portento, poucos são os que penetram nas condições mentais e moraes do povo, que assim se ergue tão pujante, tão gigantesco à nossa vista.

Uns por preguiça de espirito, outros por medo das penas ideias da outra vida ou dominados pela supersticiosa reverencia do art. 5º da constituição, não querem reconhecer que todo o segredo da civilização norte-americana consiste simplesmente na liberdade de pensamento e na perfeita igualdade de direitos civis e politicos de todos os habitantes, sejam quais forem as suas crenças, seja qual for a sua primitiva nacionalidade.

E' só o espirito de tolerancia religiosa e philosophica, é só o influxo de generosidade

que reina em toda a constituição norte-americana que tem atraído para os Estados Unidos essa intensa corrente de intelligencias robustas, de caracteres fortes, de cidadãos activos, partindo de todos os pontos do velho mundo, onde deixam todos os preconceitos, todos os resentimentos, para inaugurem na nova pátria uma nova carreira de trabalho com o espírito aberto a todas as benefícias influências do progresso das sciencias.

Os nossos conselheiros de Estado não são cidadãos do mundo actual, são apenas passageiros de Jerusalém para a immortalidade, e por isso não podem comprehender que um estrangeiro protestante ou israelita tenha aspirações intellectuais a realizar, nobres necessidades morais a satisfazer.

Estão fechadas para elle todas as portas da vida social; são-lhe proibidos todos os encantos de uma activa cooperação no bem communum; a sua fibra moral só pode vibrar sob o material impulso das instigações do estomago... Tales são as conclusões praticas a que conduz a philosophia de palacio. Contra tão tristes e repellentes conclusões é nosso dever protestar, é dever de todos aquelles d'entre

nós, que se acham emancipados das faxas theologicas, e que muito acima dos egoisticos interesses da salvacão eterna sabem collocar a salvacão terrestre dos interesses intellec-tuaes e moraes da patria e da humanidade.

Os conselheiros de Estado, que lavraram o parecer reaccionario, são conservadores e estão de accordo neste ponto com o sr. Sinimbú, chefe do gabinete liberal, o qual tambem julga perigosa a assimilação do elemento es-trangeiro e a abolição da religião do Estado.

Não se deve tocar no art. 5º, diz s. exc. porque a grande maioria dos brasileiros é católica.

Esta assertão é inteiramente falsa.

Parm todos aquelles, que sabem deitar um olhar penetrante na intimidade das differentes camadas sociaes e que não se contentam com as exterioridades de convenção, é evi-dentemente inquestionavel que quatro quin-tos da nossa população se compõem de fetichistas e polytheistas, e quo apenas um quin-to, cuja grande maioria se compõe de deistas, está reservado aos verdadeiros catholicos.

S. exc. não tem tido tempo talvez para il-lustrar o seu espirito no manejo das ques-

tões philosophicas. Por fatalidade, porém, não se pôde ser chefe político, director do Estado, sem se estar senhor do terreno philosophico em suas mais intrinendas minudencias. Se s. exc. se tivesse ocupado com grande antecedencia destes estudos, se em seu espirito admittisse entrada a um pouco de anthropologia nacional, conhiceeria hoje muito melhor a situação mental do paiz e perceberia claramente que nenhum paiz melhor do que este se presta a manipulações desta natureza.

A reforma entre nós pôde operar-se sem o menor abalo, porque o numero de verdadeiros catholicos é limitadissimo. A maior parte dos que pretendem sé-lo não são senão puros deistas, tão passiveis das fogueirns do *Syllabus* como os positivistas, os atheus, etc.

O nosso clero é quasi em sua totalidade deista; toda a nosa camara actual, inclusive o sr. Sinimbú, é deista; quasi todo o senado é deista; o ensino official da philosophia nas academias de S. Paulo, de Pernambuco, nos lyceus, nos collegios, é exclusivamente deista; é em uma palavra o puro deismo que do-

mina em todas as camadas mais cultas da nossa sociedade.

São inteiramente sem valor todos e quaisquer protestos em contrario. O diagnostico diferencial dos diversos modos de ser do espirito constitue uma das mais solidas bases da sciencia positiva, e nenhuma vontade humana pôde inverter a ordem das classificações instituidas. Um cu outro mais audaz, quo se levanta contra a hierarchia do pensamento systematisado, não consegue, como acaba de acontecer em pleno parlamento ao dr. Bezerra de Menezes, senão revelar a sua profunda ignorancia nesta materia, pretestando perfeito católico e patentendo entretanto todos os symptomas de um apurado drista.

Se descemos agora ás camadas incultas da nossa sociedade, as quaes constituem com segurança quatro quintos da populaçao, reconheceremos evidentemente que d'esse lido não pôde haver a menor resistencia contra a reforma. Excluidos desses quatro quintos a populaçao escrava que é totalmente fetichista, não obstante o rotulo catholico que a cobre, resta-nos uma grande fraccão que vive

engolpada no mais profundo polytheismo primitivo. Para esta a reforma passará completamente despercebida, porque não toca absolutamente em uma só de suas crenças fundamentaes, as quaes continuaro a viver por muito tempo ao lado da liberdade da consciencia, do mesmo modo que têm vivido até hoje ao lado do catholicismo official, cuja existencia lhe é inteiramente indiferente.

No conflito episcopo-maçonico tivemos occasião de assistir a uma magnifica experiençia psychologica, do mais subido alcance, pelas provas que nos fornece da veracidade do nosso asserto. Ahi vimos os bispos, os principes da nossa egreja, trazidos á barra do tribunal, processados, condemnados—e condemnados tumultuariamente, contra todas as regras da equidade—sem que, entretanto, de um só canto do imperio o povo se movesse ou promovesse ao menos um pronunciamento a seu favor. O povo conservou-se de braços cruzados, na mais glacial attitude, simplesmente por uma razão: é que a pessoa dos bispos lhe é inteiramente indiferente. Outro teria sido o procedimento popular na Hespanha.

Mesmo entre nós, o procedimento teria sido bem diverso, se o sr. Rio Branco, em vez de ferir a pessoa dos bispos, tivesse por acaso ferido qualquer dos objectos da adoração de nossa população polytheista. Tocasse elle por exemplo na Senhora da Apparecida, na Senhora dos Remedios ou na Senhora das Dóres, e ali teríamos por toda a parte as mais sangrentas sedições. Os proprios bispos não possuem o prestigio necessário para introduzir a menor modificação nos usos admittidos pelo povo no que diz respeito ao culto de qualquer santo. Ainda ha pouco, asseveram-nos pessoas aldedignas, o actual diocesano d'esta província, inspirando-se nas idéas mais elevadas do catholicismo, tentou substituir a imagem da Senhora da Apparecida por uma outra mais de acordo com o decoro artístico dos nossos dias : o seu sermão n'este sentido não produziu senão a mais desagradável impressão em todo o seu auditório, e forçoso foi ser prudente e deixar as coisas no *statu quo*. O resultado não podia ser naturalmente outro ; porquanto, o ilustrado pregador, agitando concepções da mais alta esphera catholica, inclinava-se collocado

em um terreno por demais fóra do alcance das fracas forças mentais do seu auditório polytheista. O que se passou aqui em ponto pequeno, é o que se passa em grande por toda a parte relativamente à co-existência do catholicismo com as outras fórmas religiosas do pensamento popular. Do catholicismo não aparece senão o exterior, a pompa do culto externo, sob a qual vive o polytheísmo, não como parásita, mas sim como alimentador vital da doutrina que o move. E, em geral, todas as populações, de origem neo-latina, não são senão nominalmente católicas na actualidade, e a razão é óbvia: se a população se ilustra, passa ao deísmo, se se ilustra mais fortemente, sobe a um grau mais alto da hierarquia e cai em qualquer das fórmas do pensamento científico, atheísmo, materialismo, darwinismo, positivismo, etc., etc.; se se não ilustra bastante, pára no paganismos, ou desce mesmo às profundidades do fetichismo; e d'esta sorte, quasi nenhum terreno sobra para o genuino catholicismo.

Ora, se esta é a verdade da situação: se esta é a legítima interpretação dos factos da nossa mentalidade, não podemos absoluta-

mente comprehender a razão do perigo, que o sr. presidente do conselho enxerga nos reformas pedidas.

E, entretanto, o sr. Sinimbú continua a fazer sentir no paiz, por intermedio do orçamento chinez, que nós precisamos de braços!... Mas, serão braços sem cabeça?

E até quando continuaremos neste jogo irracional e desairoso, procurando á custa de pezadas sommas atrair a emigração ás nossas praias e no mesmo tempo repellindo brutalmente os estrangeiros que nos procuram? Eis já mais de meio seculo que estamos a oferecer ao mundo poços de ouro, quebrando entretanto as pernas áquelles quo tentam colhe-los!

Isto evidentemente não é de uma politica séria; isto não pôde continuar indefinidamente.

E' preciso que saibamos todos querer uma nacionalidade grande e poderosa no futuro, muito embora seja ella o producto da fusão de todos os sangues, de todas as raças.

Não devemos perder de vista que nós mesmos não somos, sobre a terra brzileira, se não estrangeiros aqui domiciliados de maie-

longa data; somos portuguezes pelo sangue e o seremos ainda por muitos séculos pela educação e pelas tradições. Com a reforma proposta não fazemos mais do que estender ás outras nações o direito que nos coube por mera eventualidade.

O que devemos sobretudo receiar e evitar é a immobildade, de que nos ameaça a religião do Estado, e o isolamento do concerto geral das nações, de que nos ameaça a inelegibilidade dos acatholicos.

Jacarehy, 25 de Outubro de 1879.

TIVAS

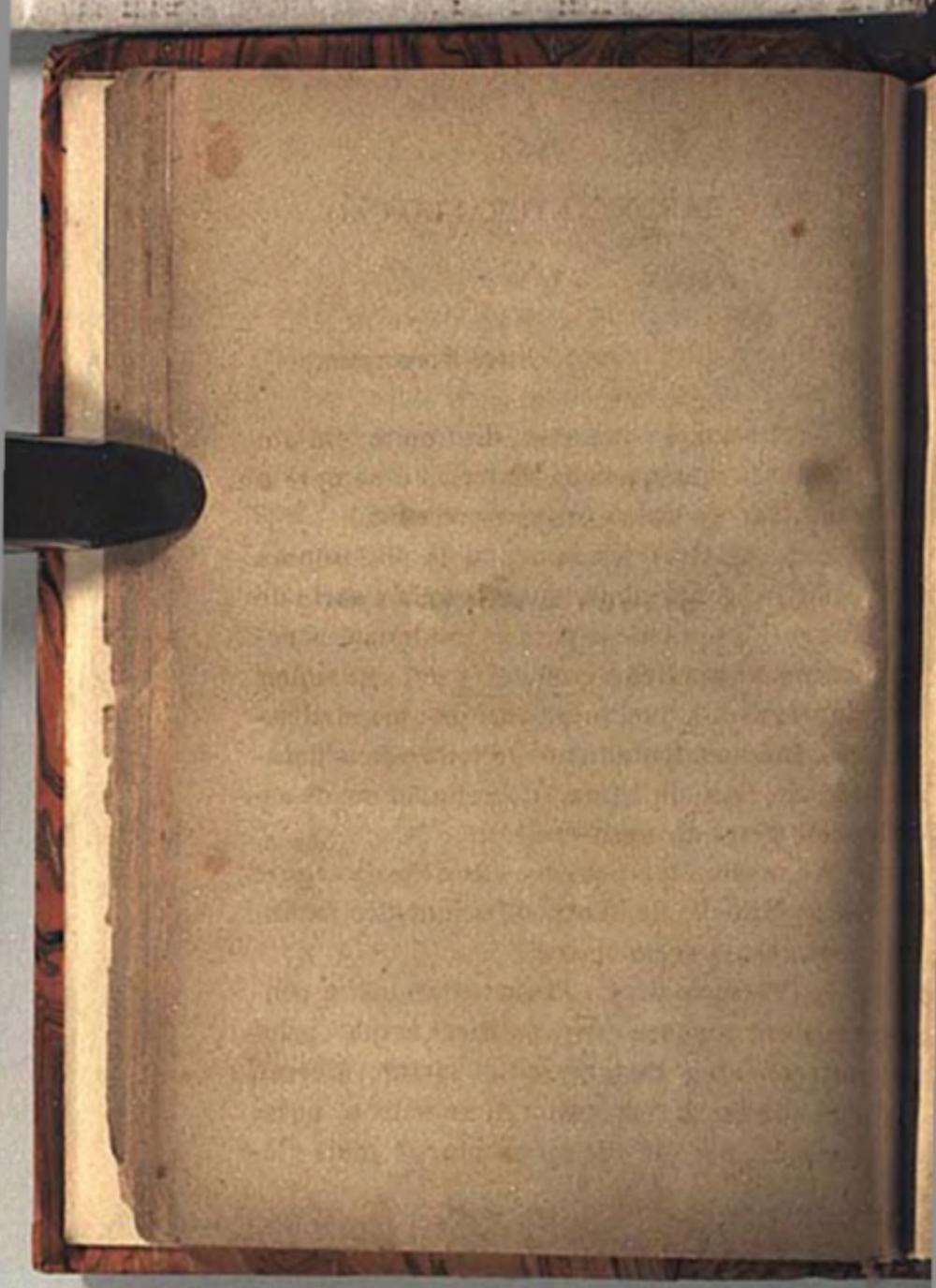
vezes pelo map
itos séculos pa

Com a refém
do que estab
se nos coube p

receiar e em
ameaça a n
to do conce
ameaça a ind

1872.

A grande naturalização



A GRANDE NATURALISACÃO

I

Ordem e progresso.

Uma situação qualquer, diz Comte, em um momento qualquer da historia, é sempre o resultado de tudo quanto a precedeu.

Esta maxima fundamental da philosophia positiva, fonte abundante de toda a sorte de suggestões præcticas para as combinações políticas, se applica a qualquer paiz, a qualquer agregado, a qualquer phase de uma civilisação, independentemente de toda a consideração de raça, de clima, de religião ou de aspecto geral da natureza.

Ao mesmo tempo serve ella de guia seguro na applicação do methodo científico às investigações sociologicas.

A Provincia de São Paulo tentando, ha pouco, asforir a nossa crise política actual pelos antecedentes historicos do partido liberal, que condensa por assim dizer todo o nosso passado, no que elle apresenta de mais glo-

rioso, procurou collocar a queatão neste terreno elevado, o unico compativel com as exigencias do espirito scientifico moderno.

Era um campo magnifico para se travar a lucta. Ali desappareciam os personalidades; para só se encontrarem frente a frente os principios. Podia ter havido erro no manejo do processo, podia haver falta de justezas nas apreciações, podia haver excessiva severidade de juizo em um ponto, excesso de benevolencia em outros.

Mas, todos estes defeitos—na hypothese que tacs defeitos existissem—não constituiam um motivo plausivel para se condenar o proprio methodo e se envenenar as conclusões. Se erros houve, era facil nos adversarios rectifica-los, não invocando argumentos de ordem extra-scientifica ou motivos pessones, que nada têm que ver com a questão, mas pondo em jogo as mesmas armas, invocando o mesmo methodo, dando a palavra nos mesmos factos e fazendo surgir do meio das falsificações, reaes ou supostas, a nun verdade historica.

Infelizmente, a tentativa frustrou-se: e o grande debate teria facilmente degenerado

em uma deploravel polemica pessoal, se a *Provincia* não tivesse tido a prudencia de abster-se de represalias systematicas, ante a violencia de linguagem de um dos principaes orgaos da imprensa governista, linguagem que, só por excepção e por curtos intervallos, se tem ouvido nesta provincia.

Os artigos que vamos submeter á consideração do publico, põem em circulação algumas duras verdades de *philosophia politica*, que com facilidade pôdem provocar nos arraiaes officiaes uma viva reacção.

Entretanto, não entra absolutamente en nossos planos a provocação de conflictos desse genero. Se ha um *assumpto*, em que menos cabimento pôde ter a polemica, é por certo o da grande naturaliscação. Não a desejamos, portanto; antes, sinceramente, a receciamos.

Só, desejamos, sim, que pessoas mais habéis se ocupem do mesmo *assumpto* e o elucidem em todas as suas faces e no mesmo sentido favoravel.

No momento em que Portugal tomou posse efectiva do Brazil, a unidnde de pensamento,

estabelecida pela acção do catholicismo, achava-se irrevogavelmente rompida na Europa. A ordem moral achava-se profundamente abalada. As continuas revoltas contra a auctoridade da egreja, as incessantes heresias, a invasão crescente do espirito revolucionario da reforma, as sangrentas represões, o estabelecimento dos queimadeiros inquisitorines, tudo indicava que se fechava um mundo antigo e que um novo se abria, inaugurado pelas primeiras descobertas das sciencias physicas. Era geral o enrenasso pela antiga doutrina, que impunha a obediencia passiva, a humildade e a privação de todos os gozos terrestres, como condição da salvação eterna. As primeiras conquistas da sciencia faziam presentir um futuro mais rissonho e mais humano. Entretanto, essas primeiras acquisições scientilicas, bastante efficazes para arruinar a fé, eram por demissas limitadas para constituir um corpo de doutrina, que pudesse substituir vantajosamente a antiga.

Não se acreditava mais nos velhos dogmas, mas ninguem se achava em estado de conceber e pôr outros no lugar. Estava irrepara-

velmente alluido o edifício catholico-seudal, mas faltavam completamente os materiaes para a construcção da nova obra. Achavam-se, por consequencia, todos os espiritos fora de equilibrio, sem ponderação.

Nessa fronteira divisoria, entre um antigo sistema de crenças, que se desmorona, e um outro, que apenas surge, destituido de bases mentes, o perigo é grande para a balança das funcções cerebrais. Os organismos collectivos, como os individuos, pôdem passar de um extremo a outro. Da excessiva actividade intellectual, sob fórrina de fervor religioso, pôdem cahir na mais completa apathia mental. Em logar da progressão historica vemos então uma regressão.

A dissolução dos costumes, a desorganização moral vêm tomar o logar da antiga synthese.

Os povos mais novos, aquelles que apareceriam mais tarde na scena da historin, e, talvez por este motivo, como que dotados de uma maior reserva de energias, atravessaram incolumes essa phase de perigo e fizeram redundar em beneficio do progresso os destroços da antiga mentalidnde.

Neste caso estão os alemães, os franceses, os anglo-saxões.

O mesmo não aconteceu com as raças mais mescladas de sangue romano, cuja economia mental havia sido mais profundamente abalada pelas successivas mutações do pensamento. Nestas, e sobretudo, em Portugal, o efeito do ultimo golpe foi o de uma verdadeira concussão cerebral. O principal symptom diagnosticó da concussão cerebral é: em medicina legal, a perda da memória, o *hiatus* entre o presente e o passado, o completo esquecimento de tudo quanto precedeu a situação actual.

Ora, em história, nenhum país apresenta mais accentuado este symptom característico da perda da filiação dos antecedentes do que Portugal, no momento em que se resolveu a tirar partido efectivo do imenso território, que a sorte acabava de lhe confiar.

Não foi o desinteressado e puro zelo pela propaganda da fé christã, nem o altruistico empenho em concitar os aborigenes a tomar assento à mesa do festim da civilisacão, que o moveram a expedir para elas as primeiras turmas de povoadores: não, o quo o insti-

gou, foi tão somente o prospecto das nossas minas de ouro, de que tanto precisava a corte portugueza, para dourar novos pecados e resgatar os antigos mediante devotas doações.

Os primeiros povoadores—nossos gloriosos átavos—foram galés, calcetas, relapsos de justiça de toda espécie. E é bom não perdemos de vista este detalhe da nossa arvore genealogica, bem como não devemos esquecer que jámai entrhou nns vistas de Portugal a fundação entre nós de uma séria agricultura.

Mais tarde, a cousa andou um pouco melhor: capitães-móres desfardão, scintillantes vice-reis vieram secessivamente ennobrecer este receptáculo de reprechos.

■ Mais tarde ainda, o proprio rei em pessoa aqui appareceu.



II

Ordem e progresso.

Vinha el-rei rodendo de toda a sun corte,
trazendo uma enorme bagagem, onde figura-
vam com grande sobre-salienteia bahús com
bullas e caixas com santos.

Tanto o rei como a corte chegavam com
terebrante appetito o grande necessidade do
refocillação. As fadigas da longa vingem, as
crucinantes emoções da fuga, sucedendo ao
panico produzido pela presença de Junot em
Portugal, rongiam com toda a força da mate-
ria o favor das expansões sardannpalicas. Du-
rante os primeiros tempos, o paiz só perce-
beu a presença da monarchia pelo alto nos
mercados do comediveis e pelo clangor das
festas congratulatorias. Era a supremacia do
instincto de conservação material em con-
sciencias fartas de missas, mas faltas de toda
a noção do dever moral a cumprir. E assim
o jubilo foi grande e prolongado.

Entretanto, uma cousa d'atoava no meio
da geral satisfação : é que a realidade do El-

dorado não correspondia à expectativa; o ouro das nossas minas não se derramava nas mãos de el-rei com a profusão sonhada no outro lado do Atlântico.

Era preciso esporcar este paiz, era preciso revolver as suas entranhas, espremer todas, as montanhas, para com o producto da sucção tapar os profundos buracos do real oráculo. Para isto era indispensável gente, muita gente, e de bem musculados braços. Mas, onde ir busca-la? Em Portugal? Não se podia seriamente pensar nisso: toda a população de Portugal era insuficiente para ocupar a área de uma só das nossas menores províncias.

Recorrer aos hollandezes, aos franceses? A isto se oppunha o ciúme da avareza ignorante e ainda mais o ódio resultante de um recente passado. Aos ingleses? Ihes, na verdade, se achavam em uma situação mais favorável: acabavam de arrancar a mãe-patria às garras do grande capitão cérso e faziam a el-rei mil pequenos favores, forneciam-lhe conselhos gratuitos e algum dinheiro a premio honesto. Entretanto, a cordialidade não era completa. A corte da Ba-

hia, o, posteriorinente, a do Rio de Janeiro, não viam com bons olhos a preponderancia ingleza : a abertura de alguns portos do Brazil no commerce estrangeiro, a liberdade de exploração de algumas minas de sal e outros pequenos vislumbres de industria autochtone pareciam-lhe exigencias impertinentes, concessões fatas, que só um amigo perido poderia aconselhar. E' preciso não esquecer que nesse bom tempo todos os dogmas fundamentaes da economia politica moderna eram reputados heresias tão perversas como os de liberdade de pensamento, liberdade de consciencia e liberdade de culto.

Ao passo que a diplomacia ingleza forcejava por fazer triumphar a tendência moderna, a corte de el-rei dava traços à imaginação para descobrir uma chave do seu cunho para a solução do problema.

Os dedicados servidores olharam para a Africa

Lú estava a chave.

As colmeias africanas passaram-se para as nossas plagas. Enxames sobre enxames desbravaram as nossas mattas, fundaram os primeiros nucleos agricolos e produziram um

princípio da riqueza. Com esta surgiram novos horizontes, despontaram germens de emancipação, e alguns espíritos mais ousados sonharam independência.

Fez-se, de facto, a independência, e, logo após, foi proclamada a carta constitucional.

Para se poder bem compreender esta fabriken política, convoluto de idéas decadentes e de princípios retrogrados, verdadeiro mixto de carolice e de impiedade, é preciso não perdemos de vista a situação social de onde surgiu.

Como no parallelogrammo das forças, esta obra é a resultante de duas tendências contrárias e incompatíveis: a da retrogradação personificada no espírito português, e a da progressão natural, influenciada pelas idéias de 89 e secundada pela neção da diplomacia ingleza. Foi um producto híbrido, imposto pela habilidade diplomática aos impotentes representantes do passado.

Como todo o producto híbrido, esta obra estava condenada a não dar fructos.

Mas, como os efeitos de qualquer combinação política, em virtude da complicação natural dos phenomenos sociaes, só se tor-

num perceptíveis e accentuados no fim de algumas gerações, ninguem suspeitou durante muito tempo a fragilidade inherent à obrn. Houve mesmo por ella a principio grande entusiasmo e muito bons brazileiros acreditaram sinceramente na sua effeacia.

Na situação do espirito, em que se achavam esses nossos avós, era de facto difficult dominar todos os pontos de vista e abraçar de um só golpe todas as consequencias.

Senhores absolutos de um immenso e admiravel territorio, onde se encontram grandes rios, grandes minas, todos os climas, todos os recursos; garantidos em seu dominio pelo apoio moral de uma grande nação; contando com o secundo e inexaurivel ventre da Africa para o fornecimento de milhares de milhares de machinas humanas para a pacifica exploração das riquezas do solo; secundados pela intensa energia da fé catholica, que impõe às machinas humanas a resignação como a primeira das virtudes sociais; circumdados, em uma palavra, de todas as vantagens materines de uma bella posição geographica, não podiam absolutamente descontar no horizonte os pontos negros do

fundo do quadro. Com tão magnifico ponto de partida, a prosperidade, a grandeza, a força nacional deviam necessariamente apresentar-se a seus olhos como a unica perspectiva possível.

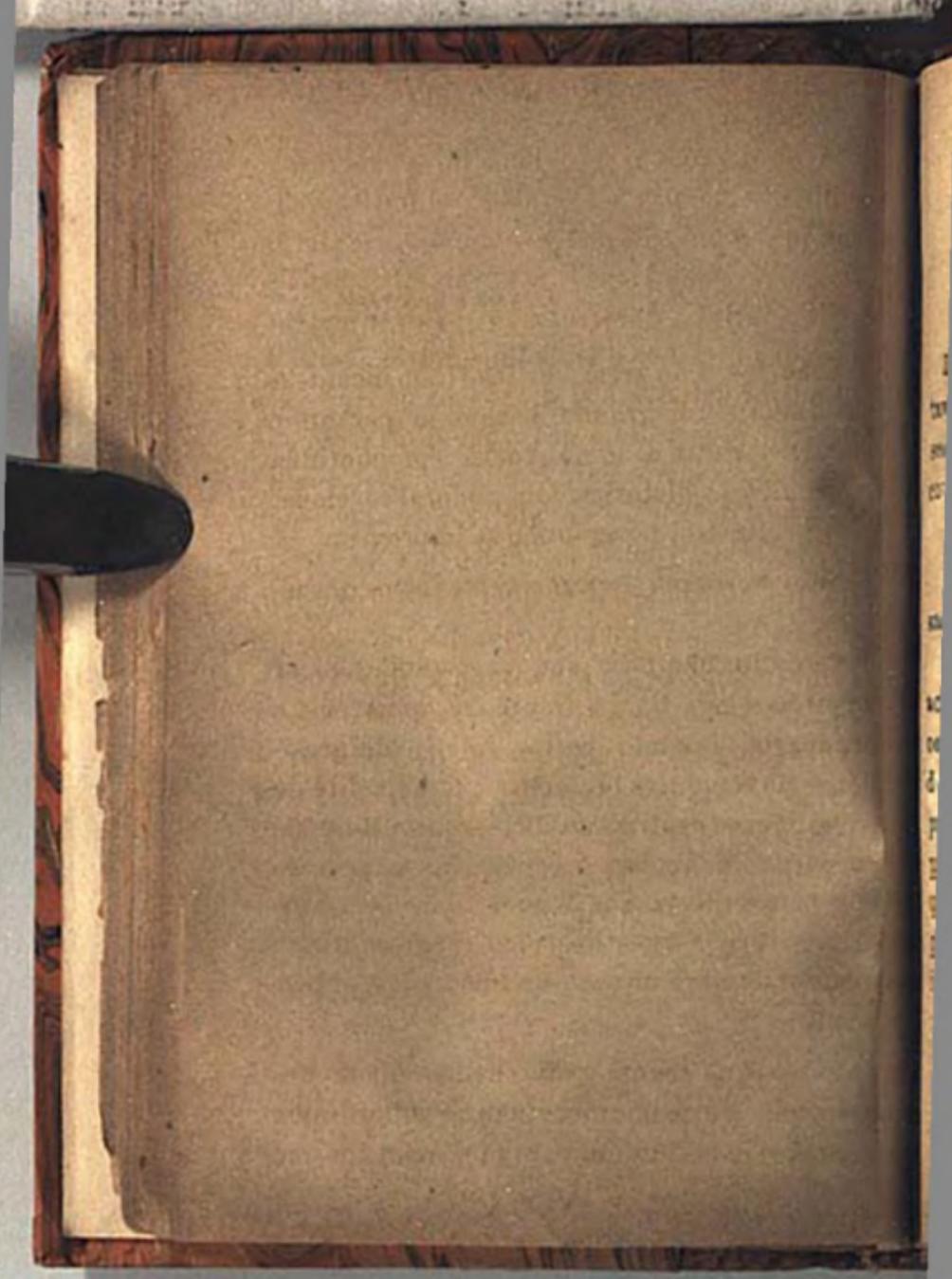
Assim como certas tribus atardadas depositam no tumulo de seus mortos iguarias e reliquias, na persuasão de que esses pios objectos serão agradaveis aos queridos manes, assim os nossos avós, dominados por um longo passado de egoismo, identificados e formando uma só peça com o espirito retrogrado de Portugal, deputaram no berço da nossa historia política a instituição da escravidão, na candida persuasão de que, assim procedendo, faziam obra util e agradável a nós, seus predilectos netos.

Baldado esforço de paternal piedade.

As iguarias apodrecem ao lado dos manes: nós apodrecemos no meio da escravidão. Fomos nós os sacrificados. O que parecia um elemento de vida tornou-se um elemento de morte. O que parecia uma instituição normal e justa tornou-se com o tempo uma obra apenas justificavel como expediente de momento. Falharam todos os cálculos dos nos-

nos bons avós ; o problema do povoamento continua de pô : a escravidão e o catholicismo (que para o espirito é uma outra forma de escravidão) impediram a immigração ; o paiz continúa deserto ; não conseguimos acclimar entre nós o trabalho e a industria ; o, astinal, fluctuavamos indecisos entre duas correntes, quando o nosso monarca, em um momento de desapeito, rompeu bruscamente com as tradições, e collocou-nos sobre a ponta de um rochedo no meio do grande mar do desconhecido, sem querer nos conceder, por caridade ao menos, os meios de sairmos nirosamente desta singular e perigosa posição.

Não contestaremos ao sr. d. Pedro II a grandeza do seu ideal nem a nobreza de suas intenções.



III

Ordem e progresso.

Esse passo do sr. d. Pedro II foi incontestavelmente um grande progresso perante o seculo, perante a moral social em continua contradicção historica com a moral revelada.

O progresso, porém, não se improvisa.

Não se rompe impunemente com o passado.

Se assim não for, sua magestade não se acharia a esta hora á frento da monarchia e ocuparia, quando muito, o logar de presidente da republica brasileira. E, seja dito de passagem, o espirito publico está muito mais preparado para esta inversão de papeis do que pensa talvez sua magestade e seu proprio governo, anestesiados pelo continuo incenso de uma imprensa fannatisada e superficial.

As leis que regem a marcha dos phänomenos sociaes e economicos não se subordinam nos caprichos de uma vontade, nem mesmo

quando essa vontade é entre os humanos grande e inviolável.

Não se destrói senão aquillo que se pode substituir, ensina a philosophia positiva, e toda a reforma radical e immediada é necessariamente contradictoria, e, por consequência, nociva. Assim é, porque uma mutação social qualquer supõe uma série de antecedentes que a preparam. No caso vertente a reforma foi contradictória e nociva, porque a constituição não nos deu os meios de prepará-la, e, não tendo nós tido meios de prepará-la, achamo-nos hoje impossibilitados de substituir uma instituição que sun magestade destruiu pela raiz.

Os nossos avós, fundadores da patria, estavam no seu papel, foram lógicos quando elaboravam a constituição. Contavam certo com a permanência indefinida da escravidão; nem de leve suspeitavam que a pressão das nações civilizadas a pudesse um dia extinguir; e, nessa convicção de animo, puderam muito rasonavelmente dispensar o concurso do estrangeiro.

No fabrico do novo imperio, o ponto de vista, que prepondernava, era o do interesse, em

primeiro logar de uma casa, de uma familia : e, em segundo, de uma pequena raça, de um punhado de individuos favorecidos pelo acaso. Encontrada desse ponto de vista, a grande naturalização não podia evidentemente apresentar-se senão como um elemento perturbador. Foi, portanto, rejeitada. E' um facto que se deve deplorar, mas que não se pode denegrir em demasia, visto a somma de antecedentes que pesavam contra a sua adopção. O criterio historico é relativo ás epochas e ás circumstancias. Outros tempos, outra moral.

Mui diversa era a situação feita pelo tempo a s. m. o sr. d. Pedro II ; mui diverso o ponto de vista da nossa epocha : e, por consequencia, mui diversas deveriam ter sido as precauções a tomar, se queria de veras que a historia lhe concedesse um logar de hora a lado dos grandes homens de estado, de Frederico, o grande, por exemplo.

Sua magestade arrancou uma das pedras angulares do edificio legado por seus avós, deixou-o suspenso no ar em um dos angulos ; e, quando hoje, reciosos de uma ruina imminente, pedimos que nos conceda a permis-

são para collocar alli uma escóra, grita-nos o sr.: Sinimbú: *ainda não é tempo.*

Tivemos assim o progresso sein a ordem, tivemos o exemplo do espirito revolucionario partindo do alto, sem as medidas suplementares que deviam contrabalançar os inconvenientes de uma applicação intempestiva. Desta sorte, vamos viver por alguns annos com o resto das forças de trabalho, que nos legão o passado, e, esgotadas estas, entraremos em liquidação forçada.

Se tivessemos tido, no menos, a consciente firmeza de carneter, no darinos no mundo, este bello exemplo de abnegação, a historin poderia afirmar nos nossos vindouros que nos suicidámos por uma idéa. A nossa queda poderia então figurar como uma reabilitação. Seria nobre, seria um facto de marcar epocha. Isto não acontecerá, entretanto.

Em primeiro logar, não ha exemplo, na historin, de um povo que quebra gratuitamente os instrumentos de trabalho, que tinha nas mísas, sen possuir os meios de obter outros, superiores ou egunes, que substituam os primitivos. Neste sentido o nosso sacrifício perde de merecimento pela levianidade.

Desapparece a generosidade do impulso ante a irreflexão do capricho.

Em segundo logar, não houve sinceridade no sacrificio : não houve aquella largueza de vistas generosas, quando perante o mundo exhibimos o pomposo espectáculo de abnegação.

O governo de sua magestade continuou a mesma estreiteza de vistas em tudo quanto diz respeito á politica internacional, ao direito das gentes, o mesmo acanhado programma, o mesmo espirito de egoísmo e de improbidade para com o estrangeiro, que do tempo de d. João VI.

Um estadista notável e de boa fé, o sr. visconde do Rio Branco, estancou a fonte da escravidão.

Mas, o habito de ter escravos, de procurar escravos para povoar o paiz, continuou vivaz e arraigado no espirito e nos actos do governo de sua magestado. A *ris a tergo* das tradições é que continua a mover toda a nossa politica. Não somos nós que nos governamos, são os mortos, são os nossos antepassados, esses contemporaneos de uma phase social, em que a palavra *estrangeiro* era synonimo de

inimigo (*hostis*). Não é o espírito do seculo que determina a nossa conducta; é a sombra de um tenebroso passado.

Desistimos do escravo preto, mas queremos o escravo branco sob o nome mais eupônico de colono; e sua magestade está na dianteira dos que nadam nas impuras águas desta corrente. Com um simples eupônimo de lingungom acreditamos poder alterar a natureza das coisas e continuar o antigo sistema da espoliação.

Por todos os meios temos procurado atrair os emigrantes às nossas praias.

Em desespero de causa, temos atirado o nosso ouro nos montes, para captá-los. Mas, elles passam de lado, indiferentes ao nosso engodo, e vão para os Estados Unidos, para a Nova Hollanda, para a Australasia, para a India, para as Repúblicas do Prata; vão para onde os respectivos governos não lhes oferecem dinheiro, mas oferecem-lhes simplesmente o título de cidadãos. Justa o tremenda punição para a maldita velleidão de querer resolver problemas, em que entram factores da mais alta esphera moral, pelo ex-

espiritoclusivo cálculo do mesquinhos interesses misteriosos.

Depois da lei da emancipação do ventre proletario, parecia que íamos entrar de cheio em uma nova phase política e social e desenrolar um vasto programma de medidas liberais marcadas no cunho das generosas inspirações. Perfeito engano! Foi então que se revelou em todo o seu dia a desnaturada tendência da nossa governação, e que se tornou bem patento a conformatção teratologica do nosso organismo politico.

Os nossos avós se haviam dirigido à África; o primeiro gabinete liberal deste ultimo decennio se dirigiu à China.

Este passo impolitico, este erro palmar, tem para a historia uma alta importancia: a expedição à China significa a tenaz repugnância que reina nas regiões officiaes pela civilisação europeia.

Não somos infensos nos chins, como não somos infensos a nação alguma. Admiramos nentes essa civilisação imponente surgida do seio de uma longa elaboração de princípios puramente humanos, sem a mais leve intervenção de revelações divinas ou outras quaisquer.

quer manifestações da agencia sobrenatural. Admiramos profundamente o espirito eminentemente positivo desse povo activo, intelligente e affeito aos mais arduos problemas da industria pacifica.

Não, não é por isso que condennamos a missão à China. Condennamo-la, sim, não só porque não temos um unico antecedente historico, que permita uma perfeita fusão de sangue, de interesses e de idéas, mas sobretudo porque entra nessa tentativa um pensamento oeculto inconfessável, o da exploração mercantil de um povo laborioso que se reputa *excellent*e como instrumento de trabalho, mas que se considera *inferior* por não ter sido baptizado! — Não somos contra a China: somos, sim, e seremos sempre contra todo o plano de colonização, em que entra um cálculo de traição contra quaisquer dos nossos hospedes. O que queremos acima de tudo, é que se reconheçam os direitos do homem: o que pedimos: é a nobilitação do trabalho.

Sua magestade e o seu governo ainda a esta hora não comprehendem que os interesses puramente materiaes são antes mais pro-

prios para desunir do que para unir, para repelir do que para atrahir. E, se temos hoje, não obstante as funestas disposições da nossa astiosa legislação, algumas prosperas colonias, o devemos não sómente ás vantagens excepcionaes do paiz, mas sobretudo, ao grande espirito de tolerancia e de fraternização do nosso povo, muito mais aderindo neste ponto do que todos os nossos governos constitucionaes. O instincto popular sobrepujou de muito a subedoria de sua magistrado e a de seus sete ministros, e, se lhe fosse facultada a opção, hoje mesmo seriam cidadãos brasileiros todos os estrangeiros aqui residentes.

A o
tum
ditos
atba
exclu
recons
nos al

As
lairo
presi
gio e
te co
pre-e

As
trala
na d
1800
spini

Tr
una

IV

Ordem e progresso.

A obra da nossa constituição estava condenada a permanecer estéril, por dous defeitos capitais: a consagração da religião cathólica como religião do estado e origem exclusiva de todos os direitos políticos, e a recusa absoluta nos estrangeiros do direito aos altos cargos políticos.

As condições de formação do estado brasileiro afastaram-se completamente das que presidiram na evolução histórica a constituição dos outros estados. Não se tratava aqui de organizar politicamente uma população pre-existente, já formada.

As diversas tribus selvagens aqui encontradas não entravam absolutamente em linha de conta; ninguém se preocupava com a sua sorte, antes o seu extermínio estava na opinião geral.

Tratava-se, por consequência, da criação de uma população.

Ora, para os espíritos menos aguçados, é evidente que a formação deste novo estado não podia ser modelada segundo o tipo dos antigos reinos. A história antiga nenhuma solução aproveitável podia nos oferecer : aqui a embryologia social era inteiramente especial ; tudo era novo, tudo estava por fazer segundo as indicações terminantes da novidade da situação, das circunstâncias presentes.

Mas, se não encontravamos modelo conveniente na história antiga, tínhamos em compensação o exemplo recente de um paiz surgido e formado das mesmas emergências, das mesmas circunstâncias, e que, no momento da nossa independência, já atraía sobre si a atenção do mundo civilizado. Os Estados Unidos da América nhi estavam para nos guiar com o seu exemplo e a sua experiência : e não era difícil abstrahir da fôrma republicana para com elle aprendermos os meios de obter o elemento para nós capital — a população.

Entretanto, os nossos fundadores da pátria não puderam effectuar essa abstracção : preferiram o velho e conhecido molde portu-

guez, e é desse molde que saiu o imperio nascente, desfigurado e tropeço, um verdadeiro aleijão.

O imperio trazia estampadas na fronte duas insensatas utopias; vinha com pretenção a grande estado, sem promover população, e apresentava-se paladino do catholicismo, já então caduco, exausto e repudiado na Europa.

Destas duas arrancadas da patriotica vaidade, é difícil dizer-se qual a mais funesta ou a mais extravagante. Qualquer delas era suficiente para comprometter a estabilidade do edificio, que se supunha poder desafiar as tormentas socies e as saudades do tempo. Venturosos sonhos, felizes devaneios.

Os pios patriarchas, elaboradores da constituição, pretendiam encorrentar no regnão da egreja romana todas as futuras gerações do brasileiros. Era um mundo cér de rosa esse que se lhes antolhava no futuro: a África aos nossos pés; todos os esplendores e gozos materines da terra affluindo ao nosso encontro; a paz segura; a consciencia serena; além o céu, a immortalidade!...

Por desgraça, porém, não contaram com

toda a traiçoeira agudeza do dente do tempo, com o determinismo da evolução histórica que impiedosamente deviam reduzir a retalhos o seraphico programma e as attrahentes perspectivas.

Não foi preciso, de facto, muito tempo e todo o scenario se sombreou.

As leis naturaes, que presidem à marcha do espirito humano, seguiram indomitamente seu curso; a sociedade caminhou, impelida a principio pelas assagantes asegações metaphysicas do deismo, e em seguida pelas concepções positivas da sciencia; o Deus concreto e personal da theologia, o Deus de Abraham e de Jacob, o Deus dos nossos avós e da nossa constituição, dissolveu-se pouco a pouco e desapareceu afinal da scena mental do paiz, para ceder o logar ao Deus abstracto e impersonal da metaphysica, no Deus dos magões, mais conforme as exigencias da moda, Deus cavalheiro e perfeito gentleman. E é este o Deus que hoje governa soberano o espirito e o coração das camadas mais cultas da nossa sociedade; e é este o unico Deus, que o ensino official recommends e proclama nas nossas academias. Nem o governo, nem o

conselho de estado, nem a principio os proprios bispos, nem padres, nem professores perceberam o gradual desapparecimento do Deus nacionnal do altar que os nossos avós haviam levantado no art. 5º da constituição. Todos, todos embringaram-se na fonte deista : tudo, tudo contaminou-se, tudo transviou-se no ponto de hoje parecer o *Syllabus*, esse codigo indispensavel do bom catholico, um livro extravagante mesmo áquelle que se apresentam como estrenuos defensores da nossa defunta constituição.

Todos, eegamente, de mãos dadas, concorreram para esse desfecho.

Desmantelou-se irremediavelmente a veneranda obra de nossos avós: solapou-se o edificio pela base ; da religiosa obra não resta sonão um montão de ruinas ; e o art. 5º da constituição hoje apenas atesta que este paiz outr'ora foi romano. E' apenas um triste nicho vazio, uma simples reliquia archeologica, que despertará na historia a curiosidade dos nossos posteros. A fé está morta ; a constituição está abrogada de facto, e não foi preciso a convocação de um assembléa constituinte para epitiphcar o seu passamen-

to... Foi a obra e cuma simples lei natural actuando de manso, sem eleições nem parlamentos.

Em um artigo precedente, applicando os dados da philosophia positiva no dígnostico das diferentes fórmas do pensamento religioso entre nós, procuramos demonstrar que, desde ha muito, deixamos de ser católicos, quo a grande massa do nosso povo nem mesmo christã é, e que só por um vasto sistema de mystificações é quo os nossos altos poderes públicos conseguem a um tempo illudir o passado, falsear o presente e trair o futuro.

Não voltaremos mais aqui sobre a confirmação desta verdade, cujas provas superabundam, sendo fácil a qualquer encontrá-las por toda a parte. Apontaremos apenas dois factos significativos, quo resumem a nossa longa série de mystificações e põem em relevo a pausosa incoherencia dos nossos principaes estadistas e outros representantes officiales do espirito da constituição.

O sr. conselheiro Paulino, que, ainda recentemente, fazendo parte do conselho de estado, deu conscientiosamente, religiosa-

mente, patrioticamente, seu honesto voto contra os nentholicos, é o mesmo homem que, quando ministro do imperio, não experimentou o menor escrúpulo em adoptar oficialmente para os exames da instrucção publica um pequeno livro, que tem por título : *SELECT PASSAGES OF PROSE AND POETRY, from Lingard, Macaulay and Milton.*

Nada temos a dizer, sob o ponto de vista puramente litterario, contra o criterio que presidiu à escolha dos diversos trechos desses tres grandes escriptores ; aplaudimos antes o bom gosto e o tacto do compilador.

Mas, acontece que, entre os diversos excertos do Macaulay, encontram-se alguns com illusões taes, com taes confrontos entre o protestantismo e o catholicismo, que o mais ingenuo ou boçal examinando não pode deixar de vexar-se da religião oficial do seu paiz e sentir uma irresistivel sympathia pela egreja protestante.

O nobre ministro, amante da bon litteratura, e empenhado pelo progresso mental de seus jovens patricios, esqueceu-se do ponto capital : que neste paiz a religião catholica é religião de estado, e que o nosso código cri-

minal punc com a pena de um a quinze mezes de ergastulo todos aqueles que dirigem o promovem ofensa á religião do estado...

Perguntaremos agora :

Quando é que o sr. Paulino foi sincero? Quando adoptou o impio livrinho ou quando desfechou sua implacavel bôla negra contra os inoffensivos acatholicos, cujo crime unico é ver claro no meio das trevas geraes ? ! ..

E, entretanto, o sr. Paulino é um homem de hem.

Honourable are they all, diz Shakesperne pela boca de Marco Antonio. -

Os nossos bispos não sabem inglez... acrescenta a nossa utilna mocidade academica.

E é assim que se insinua a serpente sob a doce relva constitucional...

O outro facto refere-se á academia de S. Paulo. Temos aqui o tão estimavel quão catolico sr. Benevides, proprietario da cadeira de direito natural, o unico membro do corpo docente, que expõe no seu auditorio doutrinas irreprehensivelmente constitucionaes e orthodoxas sobre jurisprudencia. E' o unico quo não trahe o posto de confiança, quo lhe confere a constituição.

Quereis saber o que acontece? E' mal visto pelos seus collegas, e atô por seus jovens discípulos. E, no passo que o sr. Benevides se impopulariza, dirigindo epistolas nos gentios, exorcendo escrupulosamente a sua missão evangeliandora. o bom sr. conselheiro Martim Francisco, proprietário da cadeira de direito ecclesiastico, se recomenda à popularidade academica, declarando-se abertamente em oposição aos dogmas oficiais e pedindo a separação da Igreja do Estado, o ensramento civil, a elegibilidade dos acatholicos, etc., etc.

O que se passa em S. Paulo é o que se passa em todas as nossas faculdades, sem faltar na nossa eminentíssima Escola Polytechnica, onde o ensino é francamente ateu. Em todos estes estabelecimentos de instrução superior nem de nome se conhece a religião do estado.

Se encararmos este movimento de emancipação pelo lado da imprensa, o resultado é ainda mais surprehendente. Em primeiro lugar, o que mais salta aos olhos é o insigni-

ficantissimo numero de organos catholicos (1), entre nós, e o numero ainda mais insignificante de leitores para elles. Em segundo lugar, é o desalinho dogmatico com que se apresentam em publico : dizem-se catholicos, mas é em vão que se procura nelles um sô traço do estylo e do espirito do catholicismo.

Pretendem levantar a fé theologica, mas de facto só pregam doutrinas do mais puro deismo. Lançam o anathema sobre os livres pensadores, mas, entretanto, escrevem, pensam, argumentam, discutem como perfeitos deistas, e não comprehendem absolutamente que o peccado do *deismo* é perante a egreja tão irremivel como o do materialismo ou o do atheismo. E' de suspeitar-se que nenhum delles jámais leu o tratado do *Papa*, do *De Maistre*, ou as obras de *Bossuet*: de outro modo não se comprehende a indisciplina mental e o completo esquecimento das tradições ecclasticas, de que dão prova a cada linha, a cada phrase, a cada palavra de seus editorines.

(1) Em todo o imperio existem aponas quatro folhas catholicas.

E, se se quer vinn ultima prova e mais esmagadora que todas, entre-se em casa de um qualquer dos actuares campeões do ultramontanismo e verifique-se o efectivo da sua bibliotheca: pôde-se de antemão apostar 90 contra 1 que ahi n̄o se encontra um só dos monumentos do catholicismo: nem Santo Agostinho, nem S. Thomaz de Aquino, nem S. Bernardo, nem Thomaz A'Kempis, nem Santo Anselmo ahi figuram. Podemos asseverar com toda a segurança que, hoje, os unicos homens, que se occupam seriamente do estudo do catholicismo, são os aentholicos. Parece paradoxo, mas é a pura verdade. O chamado partido ultramontano não é mais do que um pequeno partido politico.

A instrucção, que hoje recebem os seminaristas, é de tal modo elevada de ontologia e de philosophemas espurios, que os nossos padres não podem compreender o motivo nem a importancia do *Syllabus*, desse seu primeiro codigo de consciencia, ao qual não é possível negar-se um grande valor relativo, como resumo admiravel do verdadeiro espirito da egreja e da mais pura philosophia theologica.

Mas, se esta é a nossa verdadeira situação:

se é facto publico e notorio que a religião católica deixou effectivamente de existir para nós, para que então a conservamos hypocriticamente no papel da constituição? Qual a vantagem de termos sido educados e de continuarmos a educar os nossos filhos neste sistema de hipocrisia permanente? Qual a utilidade politica ou outra desse espantallo de religião do estado, que já não espanta mais ninguem, e que nem ao menos serviu para nos garantir contra a invasão dos castrenses contra a onda crescente da prostituição?!

Sejamos fracos.

Nunca é tarde para se começar a ser honesto, para se render culto à verdade e se romper com o habito da mentira. E' preciso que o estado dê o exemplo da civica lealdade e se subordine à lei commun.

V

Ordem e progresso.

O catholicismo official e um patriotismo feroz detiveram durante muito tempo a marcha da nossa evolução social.

O efeito da religião do estado foi para nós puramente negativo: só serviu para fazer a fortuna dos Estados Unidos, inclinando para lá o grosso da corrente emigratoria, ao mesmo tempo que dentro do paiz esterilisava todos os germens da sciencia importada e impedia o apparecimento de um só brazileiro notável, quer em mathematicas, quer em astronomia, quer em physica, quer em chimica, quer em biologia.

Em tripla compensação, de envolta com o descabellado espirito de nativismo, imprimia na nossa litteratura um caracter de depravada languidez, ao mesmo tempo que preparava em politica o campo para o reinado dos pedantes.

E, cousa singular, as mais desabridas contradições aninhavam-se perfeitamente no

intellecto da nossa geração passada e ali consorciam-se para produzir o fetiches do amor ao sólo com o estremecido amor a Christo. Em todas as espheras é notável a tendencia para as transacções; por toda a parte nos apparecem os fructos do hybridismo, do casamento da nossa politica com o catholicismo romano.

Um illustre papa, Alexandre III, havia abolido a escravidão. Sem embargo da fé jurada, sem espinhos na consciencia, os nossos paes a restabeleceram.

A religião de Christo prega a abstenção, a desadherencia às mundanas cousas: os nossos paes nos ensinaram a idolatrar o patrio sólo, a disputa-lo aos nossos hospedes.

O catholicismo significa universalidade, aspiração no *bem commun*: nós nos concentramos, nos isolamos, nos scindimos de todo o movimento geral.

Procuramos em tudo andar a dous veículos. Pretendemos segurar o mundo sem perder o céu.

E' desse hybridismo impossivel quo provém a exiguidade de todos os nossos sucessos, na litteratura e na sciencia, na industria

e nas artes, na diplomacia e na politica. E' dahi quo procede esse morbido e monstruoso ideal, que nos conduziu à poetisacão das bugres, nos romances sobre bugres, às estntas com bugres e nos idylios nos *sabios*. Foi bebendo nessa fonte que nos corrompemos : foi em virtudo desse ponto de partida contra a natureza que todos os nossos esforços redundaram em um pura degenerescencia dos elementos de força, que a civilisaçao do seculo punha á nossa disposição, e que tão vantajosamente poderíamos ter utilisado, se tivessemos, desde cedo, modelado a nossa mento sobre um typo mais normal e mais perfeito.

Foi um deploravel e funesto passo esto que deram os nossos avôs, quando, ao elaborar a constituição, não se aproveitaram do augusto exemplo da constituição norte-americana, franqueando as portas da patria a todas as nações, a todos os dogmas, a todos as opiniões.

Era então o propicio momento para recomendar o paiz nascente no mundo civilizado, para dar-lhe por padrinho o masculo espirito do seculo, para cerca-lo de sympathias, para lança-lo na torrente das idéas gernas e deter-

minar, emfim, para as nossas plagas a torrente da emigração.

Devia saltar aos olhos que o povoamento de um tão extenso território, como o nosso, não podia ser a obra de um dia, mas sim de um longo século. Era preciso, por consequência, que os fundadores da pátria tivessem começado por lançar as bases de uma vasta e secunda sociabilidade, atirando à mãos cheias no nosso solo as sementes das grandes criações, concedendo, sem reservas, indistintamente, a todos os estrangeiros a grande naturalização, assim de quo hoje, meio século depois da independência, pudessem apparecer os primeiros benefícios efeitos dessas combinações salutares.

Não o tendo feito, legaram-nos todas as dificuldades da obra, todo o amargor de uma custosa obra a começar, quando já temos contra nós o odioso resultante de um ponto de partida impositivo, o deseredito e o desdém provocados pelo nosso longo isolamento do movimento geral de todo o continente americano.

E, entretanto, quando se trata hoje de pôr mãos á obra, quando tentamos apagar um

das mais feias maculhas da nossa historia, brnda o sr. Sinimbu : ainda não é tempo ! é perigoso a incorporação dos estrangeiros...

E, entretanto o chefe de um gabinete liberal proclama em face da historia do futuro que ainda é cedo para se fazer aquillo por onde deveramos ter começado !...

Cincoenta annos de erro, cincoenta preciosos annos de uma experientia negativa, ainda não são sufficientes para abrir os olhos a s. exc. e chama-lo à reflexão !...

O sr. presidente do conselho julga ainda inopportuna uma medida, que a mais superficial contemplação dos interesses presentes e futuros da patria nos indica e impõe como a base irrecusável do nosso engrandecimento, como a garantia suprema da nossa ordem e do nosso progresso, como o mais sagrado dentre os nossos mais sacrosantos deveres :

E o nosso partido liberal, silencioso e triste como uma esphinge guardião dos sepulchros dos Pharaós, o acompanha e o apoia tacitamente, esse nosso partido liberal que subiu ao poder saudado por todos os corações generosos do paiz, acclamado por todos os espíritos elevados, que nelle viam a con-

centração de todas as idéas adentadas, adquiridas pela evolução deste ultimo decen-
nio!

As mais bellas e legítimas esperanças não duraram senão o espaço de uma manhã: to-
das as expectativas de um *Brazil novo*, de
uma nova éra, desapareceram uma a uma
antes do occaso da situação; e, hoje, em tor-
no do ministerio só reina o vacuo, o mais
perfeito vacuo...

Quando toda a nossa gente actual estiver
deitada no tumulo, o que a historiografia se
erguer insuspeita, para pronunciar seu vere-
dicto sobre os nossos partidos contempora-
neos, dirá por certo que os conservadores, na
sua passagem pelo poder, traçaram um pro-
fundo e luminoso sulco sobre suas páginas,
com a humanitária lei do ventre livre. Da fiel
balança histórica, porém, é impossível que
não desça a concha liberal sob o peso desta
medonha palavra: — Incapacidade!

Incapacidade, porque não sabem discernir
o ponto essencial da situação, e reputam
inopportunas todas as grandes reformas ur-
gentemente reclamadas pelo bem do paiz:

Incapacidade, porque, collocados em con-

dições de poderem dar satisfação a todas as grandes aspirações, não permitem ao paiz pagar sua dívida de honra para com o seculo e a civilisação;

Incapacidade, porque exhaurem toda a sua energia a correr após um puro phantasma, atraç de uma miseravel reforma eleitoral, em cuja efféncia nenhum homem sensato crê, quando succedendo ao dominio que proclamou livre o ventre proletario, o mais elemen-tar tino politico lhes impunha, como condição de existencia, a obrigaçao de hastearem perante o paiz uma bandeira ainda mais radical;

Incapacidade, emsím, porque dão a essa ineficaz reforma o feticheco aleunho do ideamão, quando, por excessiva concessão, lho poderíamos apenas permitir o do idéa-neta...

A reforma do sr. Rio Branco foi profunda, justa, mas unilateral; só se dirigiu a um dos nossos elementos ethnologicos; só rehabilitou o sanguo africano; só reparou uma injustiça social para com uma raça.

Aos libernes cabia a gloriosa tarefa de re-habilitar todas as raças, de nobilitar a convergencia de todos os esforços e reparar to-

das as injustiças acciaes. Era seu dever de honra apagar da nosaa constituiçōo o odioso art. 5º, esse nefando artigo, que escandalisa a consciencia moderna, nos colloca em uma condiçōo de inferioridade mental e moral, que não merecemos, perante o conceito das outras nações, e que não symbolisa, em definitivo, senão uma colossal mentira perante todos aquelles que conhecem a fundo a verdadeira estructura do pensamento religioso entre nós.

Ordem e progresso.

Veita a parte de justiça à população africana, pago no seculo e no paiz pelos conservadores este tributo de humanidade, parecia que um justo estimulo partidario inspiraria ao governo liberal um secundo sentimento de equidade, e que desse sentimento resultaria o nobro empenho de collocar sobre o mesmo pé de egualdade todas as populações estrangeiras aqui domiciliadas.

A' grande população alleimã, com especie-lidade, era seu dever supremo dar plena e cabal reparação.

População grande e nossa amiga, raça superior a todos os respeitos, era do nosso maximo interesse atrahil-a e incorporal-a intimamente no nosso organismo politico, recebendo-a no nosso seio não com a mal cabida velleidade de reputarmos este passo como um favor a ella feito, mas com a convicção calma e reflectida de que é uma subida hon-

ra, que nos faz essa população, em aceitar a nossa nacionalidade, vinculando no sólo brasileiro seu espírito, seu coração e seu sangue—esse generoso sangue que já regou os campos da Prata em defesa desses mesmos *Deus Penates*, que hoje lho impõem uma abjuração de consciência como condição da barganha, em que lho cedemos uma parte do culto ao nosso pitoresco manto imperial?

Longe disso, o sr. Sinimbú reputa perigosa a assimilação do elemento estrangeiro, temendo a preponderância desse elemento nos futuros destinos da pátria!...

No seu pensar, a grande naturalização traria como grave e funesta consequência, a suplantação e a absorção total do elemento nacional pelo elemento estrangeiro.

Mas, oh! Deuses Penates! onde está esse elemento genuinamente nacional, por cujos destinos s. exc. tanto se npavora?!

Pois, não somos filhos de portuguezes, não temos sido até aqui portuguezes, e não continuaremos ainda a sel-o por longos seculos?!

Grande e louvável razão de ser teriam as apprehensões de s. exc., se se referissem el-

Ins à sorte dos tupys, dos tapuyos e dos botucudos. Esse, sim, são brazileiros puro sangue, enquanto a nossa pre-historia não mostra o contrario.

Quanto a nós, hoje exclusivos proprietários deste vasto território, não somos senão um mero prolongamento da uma pequena nação de sangue neo-latino, já bem fraca-pobre e exausta quando della nos desprendemos. E, se com tão modesta origem, temos ainda assim transportes de patriótico orgulho, é evidente que os nossos posteros, com muito mais justo fundamento, poderão se orgulhar de descenderm do tronco luso-brazileiro, regenerado e rejuvenescido pela forte seiva allamã.

Com a emancipação do ventre proletário, de um lado, e, de outro, com a permanência do absurdo espirito da nossa malfadada constituição, dá-se entre nós o mais singular dos phenomenos sociaes, do que jamais a historia tenha feito menção. Os filhos de ventre escravo, os descendentes de sangue cabinda ou moçambique, serão cidadãos brasileiros e gozarão em toda a sua plenitude dos direitos civis e politicos; no passo que os descendentes

da nobre raça germanica, ou mesmo os brasileiros natos, que não adherirem no credo catholico, continuarião postos á margem, sem saberem precisamente a que nacionalidade pertencem, acampados apenas no paiz e não tendo outro nexo com a vida politica dos seus irmãos a não ser aquello que lhes marca o fisco, sempre sollicito a lembrar-lhes que é matéria de imposto, *creatures talhavieis* tosquaveis.

Materia de imposto—*matiere corréable*, como diziam os guindados legistas da corte de Luis XIV—eis a extraordinaria anomalia de uma situação feita por a nossa pia constituição a um grande grupo de cidadãos, entre os quaes se contam vultos de primeira ordem, espiritos dos mais lucidos e adentados do paiz!

Para um monstruoso facto desta ordem não ha commentario possível. E' bastante aportal-o para pôr em relovo a enormidade da cegueira e a criminosa deslealdade de todos esses homens de estado, que, no fastigio do poder, não trapidam em convulsionar o paiz inteiro, de confederação com a immoralidade, a violencia e a fraude, quando se trata de ganhar uma eleição e de imprimir no parlamento

mento, sua obra, a marca da unidade de pensamento; mas, que, entretanto, em face de um grande bem a fazer e de uma iniqua injustiça a reparar, só patentejam a habilidade da covardia sophistica, inventando mil arguções, forjando mil subtilezas, para chegarem a esta pasmosa conclusão: que a reforma pedida é inopportuna! ..

Inopportuna! quando a reforma pedida nada mais significa que a consagração de um princípio adquirido pelo labor destes últimos cinco séculos, princípio que já circula no sangue de toda a nossa geração, que é um dogma fundamental da consciência moderna, e cuja aceitação plena e franca importaria para nós na investidura de um lugar de honra no concerto geral das nações civilisadas.

Uma gelida horripilação nos percorre os nervos ao referir que sete ministros liberais, condensando todas as aspirações do partido liberal, dispondendo da passividade da cairu e do apoio discricionario da corôa, se confessam, entretanto, impotentes para a prática do menor benefício, e só desenvolvem força e poder para personificar o domínio do infortu-

nio, como se um novo deus *Fatum* regresse os destinos da nação !

Dir-se-hia que a fatalidade é realmente o mais poderoso dos nossos agentes políticos.

Toda a nossa historia é uma continua série de desastres. Só temos tido energia para o mal ; só temos tido fraqueza e reluctância para o bem.

Expulsámos os hollandezes, que nos traziam a liberdade de consciência, dogma que vale tanto como a descoberta do novo mundo ; expulsámos os franceses, que nos traziam seu genio, sua língua e seus hábitos pacificadores ; e continuámos ainda hoje a expelir do nosso seio, pela força brutal de uma legislacão equívocada de seculo, a essa massa de estrangeiros que nos honram com sua presença, e cuja mais efectiva cooperação na gestão da causa publica tão grandes e benéficos resultados poderia nos trazer.

Expulsámos a todo o mundo : nos privámos orgulhosamente do concurso de todas as forças de progresso, que a civilisacão nos oferece ; e, entretanto, pedimos humildemente, sem pejo, à Prussia que nos projete com seus canhões Krupp contra as ameaças

dos nossos vizinhos do Prata ; pedimos á Inglaterra protestante o seu dinheiro ; pediu os aos Estados Unidos as suas estampas — com allegorias monarchicas (!) — do nosso papel moeda ; pedimos á Belgica os seus nikels, a Portugal as suas ordenações, á França os seus livros, e á China os seus coolies !

Não precisamos da intervenção do elemento estrangeiro... e, entretanto, não temos sciencia, não temos artes, não temos industria, não temos uma só dessas poderosas agencias, que constituem o orgulho e o principal caracter do seculo em que vivemos !

Com todo o aprumo da vaidade ignorante um primeiro ministro nega a necessidade da assimilação do elemento estrangeiro : e, entretanto, o publico, que contempla esse grande homem, está vendo que o panno e os bordados da sua farda são de Lyon ; as suas elegantes botinas de Méllié ; as suas macias luvas de Jouvin ; o seu chapéu armado de Nickmilder ; a sua camisa bordada de Bruxellas ; o seu lenço da Alemanha ; os seus enlações de Verviers ; e, omissim, que o proprio estylo do seu discurso vem da fabrica parlamentar do reinado de Luiz Felippe ou Carlos X ! ...

Na sua propria pessoa está escripta a historia antecipada da revolução do reinado; o seu proprio testemunho é um documento importante para a historiografia da nossa economia política; é uma grande revelação para todos aqueles, que não sabem ainda que este país, sem artes e sem industria, tudo importa do estrangeiro; que nestas condições os impostos indirectos são os únicos a empregar; que deste longo emprego resulta o deshabitado pelas impostos directos; e dahi o perigo mortífero, quando no habito rompido se junta qualquer outra causa de desgosto.

VII

Odrem e progresso.

E' tal a inclemencia do nosso deus *Fatum* que as nossas cousas mais sérias, os nossos mais sérios interesses estão entregues ás soluções do acaso e do infortunio.

Começamos a nossa independencia por uma farça da familie reinante, servindo-lhe de theatro o campo do Ypiranga.

Havemos de acabar enterrando a nossa independencia pela ininterrompida farça dos nossos estadistas, que, privando o paiz dos mais indisponaveis alimentos, hão de entregal-o, humilhado e veneido, nos campos do Prata ou no valle do Amazonas, á primeira turma de emprehendedores que queiram se aproveitar da nossa inopia e da nossa fraqueza.

A guerra do Paraguay teve por origem uma série de desastres da nossa diplomacia; e essa mesma guerra trouxe-nos como consequencia um desastre financeiro.

Se nos sobrevier uma nova guerra, não nos

rèsta outra couça a fazer senão cruzar os braços e nos rendermos á discrição.

Não podemos contar mais hoje com o apoio decisivo do Rio Grande, cujas disposições de animo nos poderão ser antes fataes. O coração dessa nobre província já não nos pertence : nós alienamos suas sympathias ; e nesses bravos peitos de guerreiros sangra hoje dolorosa a ferida que ahi traçou a intriga liberal. Fomos ingratos, fomos ineptos, e os riograndenses hoje nos medem do alto da sua altivez com toda a razão offendida.

Não podemos mais contar com o entusiasmo intenso, que fez surgir da terra myrindes de jovens heróes, que formam derramar seu generoso sangue nos chacos do Paraguay.

Esse entusiasmo não se renovará mais !

Por outro lado, no passo que as nossas províncias do norte se empobrecem e se liquidam, como quem só procura desfrutar a ultima hora da vida, sem esperança do dia seguinte, a Columbia cogita uma revisão de fronteiras e os norte-americanos fundam nas margens do Amazonas sólidos estabelecimentos commerciaes, magnífico e certeiro

ponto do partida para um futuro golpe de mão.

O exemplo da India Ingleza é tentador.

E, aqui como acolá, a unica resistencia a encontrar é a que vem do nosso longo passado de incuria e de imprevisão.

E, digamol-o sem rebuço e sem receio da pecha de impatriotismo, esse prospecto de uma futura dominação americana não nos assusta, antes a saudamos de pleno coração.

Se temos sido até aqui reconhecidamente incapazes de utilisar os grandes dotes, que a natureza derramou em profusão no nosso solo, tenhamos ao menos a coragem de, em nome do futuro e da humanidade em geral, entregar esses dotes a mais habéis mãos que os possam aproveitar.

Em definitiva, a questao se resume em saber: se devemos preferir a subjeição pela força, depois do consummada a humilhação, ou se devemos desde já procurar conjurar o desastre do amor próprio, encaminhando em vantagem da patria a corrente da força invasora, assimilando-a, modelando-a, fusionando-a no idéal de um interesse communum.

Em quanto governo, parlamento e conselho

de estado dormem e sonham venturas, tranquillos e seguros da protecção da Divina Providencia, é preciso que se saiba claramente quo este vasto imperio tende a cahir por seu proprio peso, desmembrado no norte, esphacelado no sul e mutilado ao poento. A geração actual não verá provavelmente este desfecho, mas os nossos netos o verão com certeza. Estamos entregues aos azaros da luta pela existencia : a lei suprema d'esta luta é que os mais fracos cedem o campo nos mais fortes.

Nós somos os mais fracos : teremos de succumbir totalmente ou teremos de transigir com o nativismo, proclamando a grande naturalização como a medida salvadora.

O nosso papel de estado tem sido até aqui o de um fazendeiro vaidoso, sonhador e parvo, que, possuindo immensas terras, mas endividado até os ossos, não tem a coragem de uma amputação honrosa, cedendo-as à parceria ou vendendo dellas uma parte, para pagar suas dívidas e rehaver sua independencia.

Para o caso do fazendeiro, o desfecho é a penhor : para o do estado, será a annexação.

Em ambos os casos, a causa da ruina é a in-
epecin.

Para o que nos tem servido a posse de tão extenso territorio? Quanto nos custa a província do Matto Grosso, por exemplo? Qual a compensação proxima ou remota que dahi se espera? Não é precisamente desta enor- me grandeza que provém a nossa fraqueza? Como poderão ser bastante fortes os laços sociaes entre populações tão remotas, tão extranhas umas ás outras? Qual o brazileiro em quem o patriotismo já foi assaz energico para mover-o a visitar todas as provincias do seu paiz?! E não seria muito mais moral e justo que tanta terra desoccupada estivesse ontreguo a uma actira exploração, para o grande bem da humanidade?

O sr. Sinimbú teve, um dia, um raiu do divino bom senso.

Foi quando procurou refrear a desbragada nofreguidão dos seus correligionarios do Norte pela viação ferra do remoto interior.

S. exc. demonstrou, então, com profundo discernimento, a insensatez desses projectos de internação, em busca de mesquinhias populações disseminadas, e procurou conven-

cer aos nobres deputados que haveria antes vantagem em remover as populações do interior para o litoral, unica rogação por em quanto apta para a locomoção a vapor.

E' a unica boa verdade que produziu o gabinete 5 de Janeiro.

Mas, porque não levou a. exc. o seu raciocínio ás ultimas consequencias, e não demonstrou no mesmo tempo a colossal insensatez da politica inaugurada por nossos patriarchas e seguidos piamente por todos os sucessivos governos, inclusivo o 5 de Janeiro, e tendente-toda ella a pôr em prática os meios mais proprios para embargar a imigração ?!

O seu discurso desse dia memorável é dos que vão para o Pantheon da nossa historiografia : n'elle está implicitamente contida uma inconsciente, mas solene confissão : é que possuímos um imenso território, mas... nos falta capacidade para promover sua ocupação !...

Em outros termos, o governo apalpa o mal ; mas, em vez de applicar-lhe o unico remedio efficaz, que a scienzia indica, refugia-se em

um desolador *Non possumus!* — *Sed quia non possumus?* !

E' do *statu quo* que depende a sorte da monarchia ?

Se assim é o dever e a honra exigem que a monarchia se inomole pela salvação da patria. Não pode haver patria grande e forte sem a grande naturalisação.

.....

Terminamos por hoje aqui este trabalho.

O leitor terá notado que não levantamos da questão senão o seu lado puramente moral ; não invocamos senão a justica social, e deixamos completamente na sombra a consideração das vantagens materiaes.

Ao terminar pedimos que cada um concorra com o tributo de sua reflexão para preencher as lacunas de uma tão rapida exposição.

Jacarchy, 8 de Fevereiro de 1880.